

RESENHAS

SOBRE OS CORPOS QUE NOS SUSTENTAM: A HERANÇA INVISÍVEL, DE EMERSON INÁCIO¹

Adenize Franco (UENP)²

A epígrafe para o livro de Emerson da Cruz Inácio pode ser encontrada nesse verso de Al Berto: “deixo o corpo escorregar na poeira luminosa” (AL BERTO, 2010, p. 63), em *Morte de Rimbaud*. Mas uma epígrafe não daria conta do conteúdo do livro tampouco da dimensão que tal verso comporta acerca da obra *A herança invisível* (2013), do professor e pesquisador da USP. Permitindo-nos escorregar nos corpos-textos de José Régio e Al Berto, bem como compreender que estes se enroscam às teorias foucaultianas e à crítica literária portuguesa do século XX, o autor permite que esses corpos, metaforizados na “Literatura Viva”, possam ser compreendidos como a poeira luminosa que, de forma quase invisível, tornou-se herança para a poesia contemporânea portuguesa. De modo que o verso de Al Berto abarca todas as instâncias da obra crítica de Inácio porque também se faz corpo e verbo na discussão acerca da sexualidade como constituinte do seu procedimento poético.

A obra, ao abarcar, recorrendo sim ao verbo náutico, quatro elementos fundamentais para a compreensão e revisão da poesia contemporânea portuguesa na produção poética de Al Bertonavega, seguindo criteriosamente os mapas e bússolas que lhe orientam, sobre: os saberes arqueológicos e genealógicos advindos das teorizações de Michel Foucault; a crítica literária exposta na revista PRESENÇA, em específico a concepção acerca da “Literatura Viva” endossada por José Régio; a imanência do corpo e os discursos que o cerceiam; e, finalmente, a relação entre a concepção crítica de José Régio sobre a “Literatura Viva” e os corpos que se dão a conhecer na poesia de Al Berto contribuindo com a formulação de uma “Estética Pederástica”.

O livro *A herança invisível*, de Emerson Inácio, apresenta a relação literária e invisível entre dois poetas fundamentais da literatura portuguesa: José Régio e Al Berto. Fruto da tese de doutoramento do autor, o livro comporta questões de extrema

importância para a revisão da crítica literária portuguesa e a compreensão da relevância que os estudos críticos de José Régio, impressos nas publicações da Revista PRESENÇA (1927-1940), constituíram-se como procedimento (invisível) da “Literatura Viva” na poesia de Al Berto.

Um dos principais aspectos da obra *A herança invisível* trata-se da revisão que o autor apresenta a respeito da vivificação da arte. Ao discutir teorias para a compreensão ou enquadramento da literatura de Al Berto no contexto pós-Revolução dos Cravos em Portugal, o autor submerge à revisão da crítica exposta na revista PRESENÇA - da qual José Régio foi editor e diretor e contribuiu ao analisar a produção literária advinda da ORPHEU, e também, contemporânea ao seu período – para fazer emergir os contributos dessa crítica à obra de Al Berto. Ou seja, ao realizar essa revisão, Inácio traz à tona a inscrição no corpo textual da poesia de Al Berto as contribuições e propostas críticas do presencista veiculadas em algumas edições da revista, especialmente o que concerne ao estabelecimento da “Literatura Viva”, conquanto sua relação às questões vanguardistas e modernistas do período.

Assim, o autor explora, num primeiro momento, os saberes arqueológicos e genealógicos advindos das teorizações foucaultianas, para estabelecer, a partir deles, um contributo para a compreensão da “Literatura Viva”, proferida por José Régio. Assim, calcado no estabelecimento que esses saberes constituem, tais como *proveniência* (local de inscrição) e *emergência* (momento de confronto entre discursos diversos e de domínio de um sobre outro), o autor empreende um estudo que busca compreender os discursos específicos e ativar os saberes históricos para demover aspectos coercitivos, senso de unidade e rigor teórico que caracterizam o saber científico e acabam por colocar determinadas produções literárias à margem de uma clamada canonicidade.

Ao sustentar a continuidade visível em Al Berto da vivificação projetada em tópicos recorrentes que a crítica contemporânea evidencia em sua produção, tais como subjetividade, individualidade e experiência do corpo, Inácio defende *a herança invisível* herdada das teorizações veiculadas na revista PRESENÇA por José Régio. Estes postulados permitem detectar a formulação de uma “Estética Pederástica” que foi, conforme o autor, “(...)

silenciosamente inscrita na tradição modernista portuguesa e da qual o poeta em questão (Al Berto) é o resultado mais recente". A confirmação desta estética é exposta no livro de Inácio a partir de um estudo aprofundado da crítica literária portuguesa aliada à análise literária da produção poética (e, em alguns exemplos, também narrativa) de autores como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Camões, Alexandre Herculano, Eça de Queirós, Raul Leal, Antonio Botto e, evidentemente, Al Berto.

Desse modo, o autor faz um resgate da revista portuguesa PRESENÇA, demonstrado no segundo capítulo da obra. A importância da revista, cuja posição é intermediária entre a ORPHEU e o movimento neorrealista, sentencia a contribuição a partir não somente dos artigos publicados na revista, mas seu funcionamento como espaço de discussão crítica sobre a produção literária do momento. Além disso, é compreendida pelo autor como elemento basilar para a formação dos escritores subsequentes, bem como leitura de base ou arcabouço teórico que sustentou a atitude estética posterior à década de 40.

Nesse tópico, o autor relaciona a crítica literária da época ao contexto histórico a que estava submetida (o regime do Estado Novo), o que impossibilitou denominar a revista PRESENÇA, enquanto espaço de discussão crítica, como movimento de vanguarda, já que se assim se configurasse iria à contramão da cultura e dos estatutos dominados pela censura. Entretanto, a revista portuguesa é considerada pelo autor como vanguarda ao propor, em suas páginas e edições, mudanças estéticas que colidiam com as gerações e a História que as antecederam e que, no momento, ocorriam dentro da vida do artista. Ou seja, as mudanças estéticas não estavam vinculadas mais somente aos extratos sociais, culturais ou históricos, mas sim à vida dos autores como forma de reconfigurar os conceitos de literatura e literariedade na modernidade.

Considerando, portanto, esse pressuposto, Inácio prioriza a relação entre o conceito promulgado por José Régio em "Literatura Viva" e as produções poéticas posteriores, com o intuito de promover a assimilação e refundição dos ideais regianos a partir da compreensão de que na poesia "a fusão entre sujeito poético e indivíduo real, fingimento e realidade

– entre vida e arte, portanto – podem se dar de maneira mais dinâmica e íntima”.

Ao promover esse estatuto, o autor abre caminho para o terceiro capítulo de sua obra, intitulado “Na tinta permanente dos corpos”, no qual expõe um painel histórico e analítico da composição discursiva do corpo, em específico do masculino e, posteriormente, do desejo homossexual na literatura portuguesa. Ao realizar uma análise precisa e consistente a respeito da imagem do homem, partindo da poesia laudatória e celebrativa de Camões, no episódio do apaixonado Linardo na Ilha dos Amores, e a representação do homem guerreiro/dominador como defesa da masculinidade, o crítico conduz à reflexão da ausência corpórea na literatura portuguesa. Tal ausência será rompida a partir do esvaziamento de sentidos em Fernando Pessoa, por exemplo, já que este, “se não parodia, rasura e transgride por completo um ideal de honra e masculinidade residente no imaginário da nação”. Esta transgressão (conceito também tomado a Michel Foucault) irá residir na ampliação dos elementos que caracterizam o homem português (de conquistador a saqueador, de um corpo em dormência, a um corpo que se levanta). De Fernando Pessoa vem também a importância concedida ao poeta Antonio Botto, em crítica literária publicada na ORFHEU. Ao considerar a obra de Botto, Inácio revê a questão estética presente nessa poesia para discutir a representação do corpomasculino e homossexual, considerando, sobretudo, a vez e a voz dessas identidades.

Convém colocar uma tatuagem nesse corpo-texto de Pessoa-Campos e, também, de Sá-Carneiro, cujos poemas endossam, na compreensão de Inácio, o fato de se pensar e representar a corporeidade nesse início de século XX, pois ainda que aprofundem questões relativas à subjetividade e à fragmentação do indivíduo, não “concretizam” discursivamente a temática do corpo. Inácio ilustra sobremaneira essa questão ao apontar que o corpo pessoano é vazio e ausente e contrasta ao corpo pederástico de Botto. De modo que, sequencialmente, será em José Régio que a questão do corpo é presentificada no espaço da Literatura Portuguesa. Momento em que novas perspectivas para o corpo passam a ser constituídas e configuradas. O corpo

masculino passa a dizer-se no discurso, observando que os sujeitos tornam-se conscientes da constituição *deper si* através dos discursos que subjazem sobre eles.

Ao fim e ao cabo, a obra *A herança invisível*, de Emerson da Cruz Inácio, estabelece a detecção do espólio de "Literatura Viva", de Régio, para a obra literária de Al Berto. Espólio que vem em *poeira luminosa*. Ao operar a reconfiguração do corpo masculino (e homossexual) em sua obra, Al Berto, silenciosamente como frisa o autor, reverbera em sua poética (sem nos determos a classificações de gênero literário sobre sua obra) "constitui-se pela e na necessidade de pensar como o sujeito se coloca diante do poético e como se constitui como sujeito poético". O poeta se substancia em sua própria "Literatura Viva". Ilumina-se a poesia de Al Berto à luz do espólio herdado de José Régio e do ideal presencista. Ao ampliar o "silêncio dos sentidos" sem que isso signifique "ausência de significação", o poeta contemporâneo dialoga com os corpos-textos do passado e do presente. Ainda que esses corpos, como na imagem-texto do artista plástico brasileiro Leonilson, *Ninguém* (1992), sejam (in)visíveis.

NOTAS

.....
¹ Resenha do livro *A herança invisível*, de Emerson da Cruz Inácio.

² Adenize Franco é doutoranda em Estudos em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP), docente de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), pesquisadora do grupo CRELIT (Crítica e Recepção Literária) da UENP, no qual participa com publicação de artigo, lançado no livro *Desafios Contemporâneos: A escrita do agora* (2013, Annablume), sobre o romance contemporâneo de língua portuguesa.